

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA?

Darcy Ribeiro

O senador Jarbas Passarinho me desafia em artigo de jornal a provar meus títulos acadêmicos, contestados reiteradamente na *Folha de São Paulo* pelo ex-interventor da Universidade de Brasília (capitão Azevedo). Desafia-me também a defender a classe política. Atenderei à primeira parte. Quanto à classe política, não tenho, lamentavelmente, argumentos para defendê-la convincentemente. Existem, é certo, figuras admiráveis em nossa carreira. Mas são exceções.

Um exemplo só basta para comprová-lo. O Movimento dos Sem-Terra existe em razão da impotência do Congresso para mudar o artigo 184 da Constituição, que permite monopolizar a terra, não cultivá-la e não deixar ninguém cultivar, senão mediante a negociata da desapropriação, pagando adiantadamente seu suposto valor em dinheiro. Esse mundão de terras era originariamente público e foi concedido para ser cultivado. Não o sendo, tem que ser devolvido ao domínio público, para ser entregue a quem queira cultivá-lo. Nesse caso se enfrentam, de um lado, vinte e tantos mil latifundiários ausenteístas e, de outro, dezenas de milhões de brasileiros, condenados ao desemprego e às suas seqüelas — a fome, o crime, a prostituição. Tudo isso porque persiste uma institucionalidade abusiva, que só permitiria assentar em quinhões de terra os que a querem, levando o país à falência. É o Congresso contra o povo.

Quanto às minhas qualificações, vamos a elas. Graduei-me na Escola de Sociologia e Política de São Paulo que era, naquela época, uma das melhores do mundo. Viviam então em São Paulo, como refugiados, figuras luminares como Lévi-Strauss, Herbert Baldus, Émile Willems. Norte-americanos como Donald Pierson e o inglês Radeliff Brown. E brasileiros como Sérgio Buarque de Hollanda e Almeida Júnior. Foi nesse ambiente que me formei, especializando-me em Antropologia, no Seminário de Herbert Baldus. Só ali podia adotar como ideal de vida acadêmica, estudar a natureza humana pela observação dos índios do Brasil, coisa que fiz por uma década.

Mais tarde, como diretor do Museu do Índio no Rio, criei, com o patrocínio da Capes, o primeiro curso brasileiro de pós-graduação para formar antropólogos como pesquisadores de campo. Depois de um ano de estudos intensivos, meus alunos tinham um ano mais de pesquisas de observação direta. Levei esse mesmo curso, mais tarde, para o INEP, que ali funcionou até quando eu tive que ir para Brasília como reitor da UnB. Meus cursos de pós-graduação para formar cientistas sociais foram transferidos para o Museu Nacional da UFRJ, onde até

hoje funcionam, como programas de mestrado e doutorado de reconhecida excelência. Naqueles anos, por intermédio dos referidos cursos e da minha cátedra de professor de Etnografia Brasileira da Faculdade de Filosofia, formei muitos discípulos que trabalham fecundamente nos vários campos das ciências humanas. Quando assumi o Ministério da Educação e, depois, a chefia de Gabinete Civil, a reitoria da UnB ficou entregue a Anísio Teixeira.

Com o golpe militar de 1964, fui para meus exílios, em que ganhei a vida como professor de Antropologia e como reformador de universidades. Assim é que dirigi os seminários de reforma da Universidade da República do Uruguai e da Universidade Central da Venezuela. Conduzi o Programa de Integração das Universidades Peruanas. Tive ainda a oportunidade de dirigir os programas de reforma das universidades de Argel e de Constantin, de criar a Universidade Nacional de Costa Rica e de participar do planejamento do Centro de Estudos do Terceiro Mundo do México.

Regressando ao Brasil, implantei no Rio os quinhentos Cieps de Bri-

zola, elaborei o programa dos Ciacs de Collor e estou propondo ao presidente FHC um amplo plano de escolas de tempo integral para a criança das favelas e das periferias das metrópoles brasileiras. Acresce ainda que criei no Rio a Universidade do Norte-Fluminense, que nasceu com a vocação de ser uma universidade do terceiro milênio, destino que ainda cumprirá. Presentemente, estou criando a primeira Universidade Aberta do Brasil, inspirada nas universidades semelhantes de Londres, de Madri e de Caracas.

Tenho orgulho de dizer que meus méritos foram reconhecidos pela mãe das universidades, a Sorbonne, que me deu o título de Doutor Honoris Causa. O mesmo ocorreu com a vetusta Universidade de Copenhague e já havia ocorrido com a Universidade da República do Uruguai e com a Universidade Central da Venezuela. O mais gratificante, porém, foi receber o mesmo honroso título da Universidade de Brasília, que eu fundei e que o referido ex-interventor afundou. Durante anos, chorei dizendo que minha filha, a UnB, tinha caído na vida. Ago-

ra digo, com a maior alegria, que ela voltou a florescer. Que me deu numa cerimônia lindíssima o título de Doutor Honoris Causa e batizou seu *campus* com o nome de Campos Universitário Darcy Ribeiro.

Tudo isso doerá muito ao referido capitão, que me provoca há meses para uma polêmica, que lhe daria uma nova existência. Não lhe darei esse gosto. Ele não merece. Foi o pior gestor de universidades da ditadura militar. Foi quem mais usou e abusou do Decreto 477, o qual estabelecia que um estudante expulso como subversivo da UnB ficava impedido de matricular-se em qualquer outra universidade. Pior ainda foi sua fúria de inverter o princípio ético fundamental da Universidade de Brasília, assim expresso: *nesta Casa ninguém jamais será premiado nem punido em razão de suas idéias*. O capitão-gestor fez justamente o contrário, premiando ou punindo os professores que concordavam com suas idéias ou que lutavam pela democracia e pela dignidade acadêmica.

■ Darcy Ribeiro é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo PDT do Rio de Janeiro

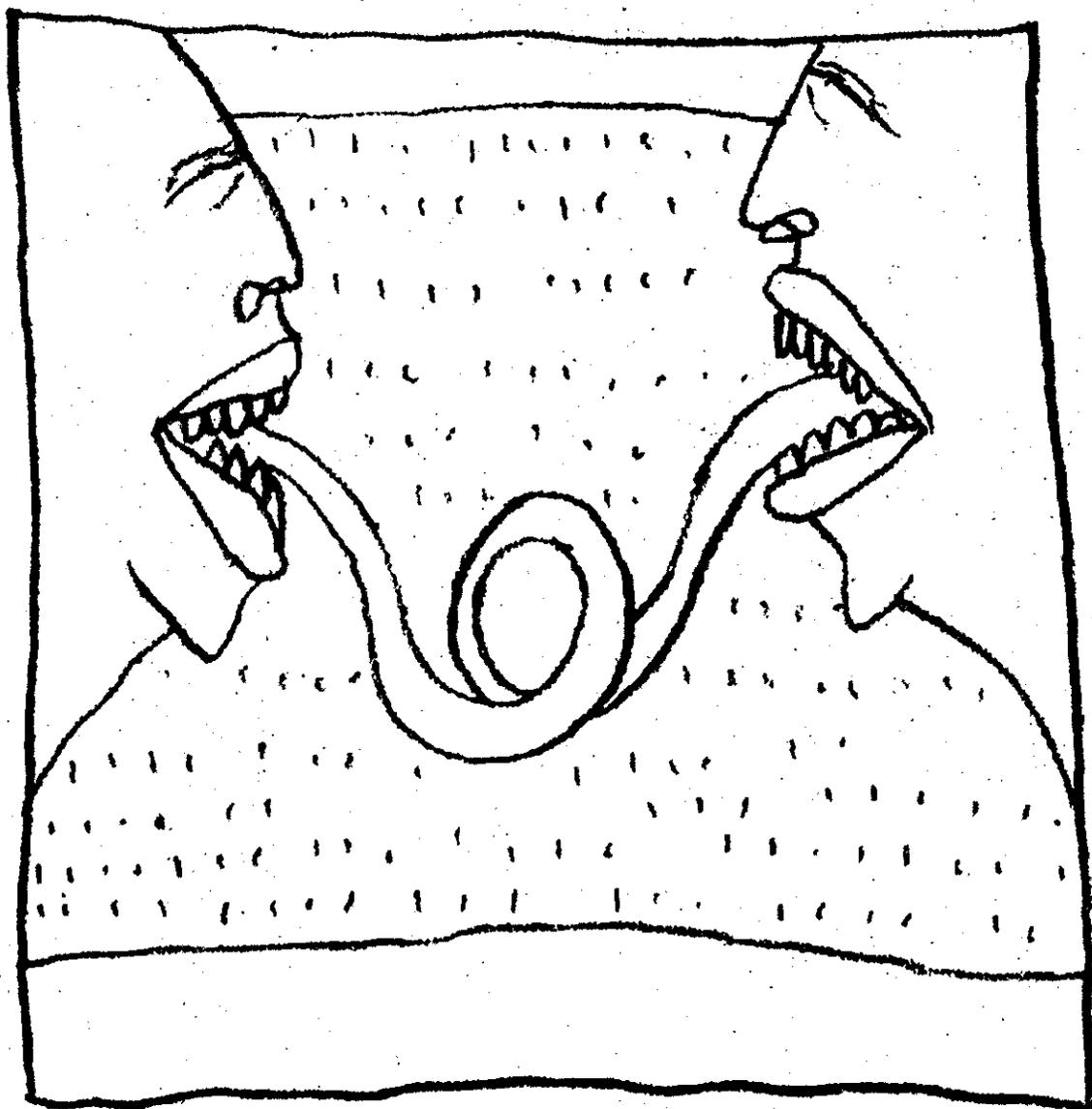


Ilustração: Fred Lobo